

Federais investigam pichações

■ Peritos fazem vistoria na Faculdade

As pichações feitas na Faculdade de Direito do Recife começaram a ser investigadas, ontem, pela Polícia Federal. Uma equipe de três peritos criminais visitou o prédio, para realizar uma vistoria dos locais atingidos e procurar pistas dos envolvidos. "Encontramos quatro tipos de pichações diferentes. O trabalho foi feito por, no mínimo, duas pessoas e demorou mais de trinta minutos", afirmou o perito Ricardo Campos. Depois de percorrer toda a Faculdade, a equipe da PF se deteve na sala 08, o ponto onde os vândalos teriam fugido através de uma janela de oito metros de altura. O lugar foi interditado por reunir condições de obtenção de provas como impressões digitais.

Os peritos criminais da Polícia Federal também colheram amostras de sangue que se encontravam na sala 08. Pelo depoimento dos dois vigilantes que trabalhavam na noite de quarta-feira, os pichadores fo-



Foto Otavio de Souza

O restaurador Luís Pessoa avalia estragos feitos nos quadros

ram surpreendidos e escaparam pela janela da sala, antes de serem atingidos por dois disparos de revólver calibre 38. O perito Ricardo Campos não soube precisar se o sangue encontrado no local teria sido resultado de um corte no vidro ou arranhão provocado por uma das balas. "Estamos fazendo um levantamento geral", justificou. O estudo será transformado em relatório e enviado para um dos delegados da Polícia Federal. Como a instituição está em greve, não há previsão sobre o andamento dos trabalhos.

Apesar de ser uma reparti-

ção federal, o diretor da Faculdade de Direito do Recife, Romualdo Marques, enviou ofícios à Secretaria de Segurança Pública e Polícia Militar solicitando apuração sobre os responsáveis pelas pichações. "A SSP tem um fichário sobre a ação das galeras, o que pode ajudar na identificação dos autores do vandalismo e a PM vai reforçar o policiamento do prédio", considerou. O presidente do Diretório Acadêmico, Sérgio Augusto, afirmou que a insegurança já vinha sendo denunciada há um ano. "A ajuda só vai chegar depois que acontece essa tragédia", reclamou.